

**ANTA BRASILEIRA – *Tapirus terrestris*: características gerais,
mitológicas e seu conhecimento popular nas regiões do Noroeste e do
Alto Paranaíba em Minas Gerais**

Dra. Daniela Cristina Silva Borges

Faculdade Cidade de João Pinheiro; Universidade Federal de Uberlândia. E-mail:

danybio@hotmail.com

Dr. Saulo Gonçalves Pereira

Faculdade Patos de Minas; Universidade Federal de Uberlândia. E-mail:

saulobiologo@yahoo.com.br

Esp. Felipe César Araújo Machado

Unipam. E-mail: maxado_felipe@yahoo.com.br

Dr. André Luiz Quagliatto Santos

Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: quagliatoo.andre@hotmail.com

RESUMO

Objetivou-se fazer um levantamento sobre a anta (*Tapirus terrestris* - Linneaus - 1758), descrevendo suas características gerais e sua mitologia, além de buscar, através de entrevistas, o conhecimento das pessoas acerca desta espécie com vistas à sua conservação e bioética. O conhecimento agregado sobre as características gerais e a mitologia de animais silvestres pode colaborar para sua conservação, bem como para resguardar seus direitos para a educação ambiental. A metodologia adotada foi a qualitativa: inicialmente, pesquisa de revisão de literatura; posteriormente, aplicação de questionário de auto respostas a pessoas maiores de idade, voluntárias, de ambos os sexos e que tinham associação com o meio rural das regiões do Noroeste e Alto Paranaíba de Minas Gerais. Percebeu-se que a anta é um animal de grande importância para a fauna brasileira, é o maior mamífero terrestre, e é um animal de grandes histórias e mitologias. De maneira geral, as pessoas identificam a anta como um animal importante para o meio ambiente. Os resultados mostram que ocorreram abates por caça nestas regiões.

Palavras-chave: Cerrado. Animais silvestres. Mito. Etnobiologia. Tapirídeos.

**Brazilian-tapir - *Tapirus terrestris*: general, mythological characteristics and its
popular knowledge in the Northwest and Alto Paranaíba regions in Minas Gerais**

Abstract

The objective was to survey the tapir (*Tapirus terrestris* - Linneaus - 1758), describing its general characteristics and mythology, in addition to seeking, through interviews, people's knowledge about this species with a view to its conservation and bioethics. The aggregate knowledge about the general characteristics and mythology of wild animals can contribute to their conservation, as well as to safeguard their rights for environmental education. The methodology adopted was qualitative: initially, literature review research; subsequently, the application of a self-answer questionnaire to older people, volunteers, of both sexes and who had an association with the rural environment of the northwest and Alto Paranaíba regions of Minas Gerais. It was noticed that the tapir is an animal of great importance for the Brazilian fauna, it is the largest terrestrial mammal, and it is an animal of great histories and mythologies. In general, people identify the tapir as an important animal for the environment. The results show that hunting slaughter occurred in these regions.

Keywords: Cerrado. Wild animals. Myth. Ethnobiology

INTRODUÇÃO

A espécie *Tapirus terrestris* (Linneaus - 1758), também conhecida como: “tapir”, “anta-brasileira” ou simplesmente “anta” pertence a classe Mammalia, ordem Perissodactyla e a família Tapiridae (MAY-JÚNIOR, 2011; PEREIRA; SANTOS e BORGES, 2017). As antas são herbívoras e se alimentam de frutos e ramos, geralmente ocorrem em áreas com recursos hídricos, pois são exímias nadadoras (MELO et al., 2018).

Além do Brasil as antas-brasileiras são encontradas em mais 10 países, incluindo Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela. (PADILLA e DOWLER, 1994; MAY-JÚNIOR, 2011). Existem duas espécies de anta no Brasil (*T. terrestris*, *T. kabamani*), são os maiores mamíferos terrestres da América do Sul (OLIVEIRA, et al., 2018). As antas têm 04 dígitos nas mãos e 03 dígitos nos pés, pensam cerca de 300 kg e não tem dimorfismo sexual aparente (PEREIRA et al., 2017b)

As populações de *T. terrestris* estão em declínio, dessa maneira, é extremamente necessário planos de ação que promovam sua conservação (TÓFOLI, 2006), bem como o acréscimo do acervo de dados sobre a espécie. Sendo assim, é de grande importância estudos que gerem informações sobre tal espécie e animais silvestres no geral.

Para tanto, objetivou-se fazer um levantamento bibliográfico sobre *T. terrestris* descrevendo suas características gerais e sua mitologia, além de buscar, através de entrevistas, sobre o conhecimento das pessoas acerca da Anta com pessoas que se relacionem com a zona rural em municípios das regiões do Alto Paranaíba e Noroeste de Minas Gerais.

Material e métodos

A metodologia está de acordo com os desígnios da pesquisa qualitativa, inicialmente, através de levantamento bibliográfico de forma exploratória e posteriormente por meio de questionário (MARTINS, 2004). O levantamento das referências foi realizado em artigos, livros e internet.

Após esta fase foi aplicado um questionário (anexo 01) de perguntas e respostas objetivas/discursivas (impresso e pela plataforma *google forms*) com a marcação do próprio entrevistado, ou ainda pelo entrevistador. Tais voluntários residem ou estão

associados às comunidades rurais do Noroeste e do Alto Paranaíba de Minas Gerais, resguardou-se o anonimato dos entrevistados, após a coleta de material foi realizada a análise, interpretação, discussão e a redação do texto.

Foram incluídos nesta pesquisa voluntários sendo eles de qualquer sexo, porém maiores de idade, que morassem e estivessem associados às comunidades rurais do Alto Paranaíba e Noroeste de Minas Gerais. Todos os entrevistados foram convidados e só participaram da pesquisa após terem assinado o termo de consentimento e livre esclarecido aprovado pelo comitê de ética e pesquisa CEP/FPM pelo parecer 2.757.989 (anexo 2).

Resultados e discussão

Segundo Holanda (2007); Kerber e Oliveira (2008); Cozzuol, et al. (2013); Borges et al. (2016); Pereira et al. (2017a); Borges et al. (2018) várias são as evidências que a família Tapiridae tenha surgido na era Cenozoica, no período Quaternário a partir do início da época do Pleistoceno. O seu registro é datado possivelmente da época do Eoceno na América do Norte (HUBBE, 2008). Já na América do Sul, acredita-se que sua origem tenha sido possivelmente no final da época do Mioceno (CAMPBELL et al., 1936). A ordem Perissodactyla compreende atualmente, três famílias: Equidae (cavalos, zebras e burros), Tapiridae (antas); Rhinocerotioidea (rinocerontes). A característica principal dessa ordem é serem ungulados em função de sua postura, onde se sustentam nas extremidades dos dedos. O dígito III é sempre o eixo sendo o mais desenvolvido de todos, tanto nos membros pelvicos como nos torácicos (HILDEBRAND e GOSLOW, 2006; PEREIRA, et al., 2015; PEREIRA, et al., 2017b).

O gênero *Tapirus* surgiu como dito, no Mioceno há cerca de 25,5 milhões de anos atrás. Sendo assim, as antas derivaram de uma estirpe ancestral conectada aos cavalos primitivos, bem como aos rinocerontes (RAMSAY; ZAINUDDIN, 1993). Sua diversificação na América do Sul ocorreu durante o Pleistoceno (HOLANDA, 2007; KERBER e OLIVEIRA, 2008; COZZUOL, et al., 2013).

O gênero *Tapirus*, atualmente, possui cinco espécies, sendo elas, *Tapirus bairdii*, *Tapirus pinchaque*, *Tapirus terrestris*, *Tapirus kaboumani* e *Tapirus indicus*. A espécie *Tapirus terrestris* é o maior mamífero terrestre da América do Sul. Distribui-se geograficamente desde o sul do Brasil, até a região Amazônica, oeste da Venezuela e

norte da Colômbia. No Brasil, a espécie é encontrada nos biomas da Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e Pantanal. Porém, atualmente está extinta no bioma da caatinga (MEDICI, et al., 2012).

Considerando a ampla distribuição geográfica que a espécie possui, bem como os estudos existentes, sobre sua área de vida e uso de habitat nos diferentes ecossistemas onde a mesma ocorre, a informação sobre sua distribuição, ainda pode ser tratada como insuficiente, havendo a necessidade de mais estudos (MOURÃO et al., 2010).

O habitat preferencial para esse gênero associa-se a formações tropicais, como as savânicas e florestas secas, todavia podem ser mais comumente avistadas em florestas de galeria, ou ainda em campos úmidos e alagadiços. As antas possuem adaptação para nadar usando o ambiente hídrico para se locomoverem e para se refugiarem de predadores, podendo permanecer por longos períodos submersos (CORDEIRO, 2004).

A anta tem hábito solitário, porém são encontradas acompanhadas apenas durante a época de acasalamento ou durante a amamentação (MEDICI et al. 2012). A anatomia interna, bem como a fisiologia dos tapirídeos é semelhante às do cavalo (*Equus caballus*) e a outros Perissodactyla. Possuem dentição especializada para o hábito herbívoro com uma dieta composta por fibras, se alimentando de gramíneas, vegetação aquática, brotos e várias espécies de frutos (PEREIRA et al., 2015).

As antas se alimentam de frutos que são facilmente acessíveis, e geralmente permanecem em áreas que possuem alta concentração de recursos (MORAIS, 2006). É um animal não ruminante e seu sistema digestório consta de um ceco bem desenvolvido atuando como uma câmara de fermentação (GONDIM e JORIO, 2011).

As antas adultas possuem o tamanho variando entre 1,7 a 2,5 metros podendo alcançar um peso de até 250 Kg (PADILLA e DOWLER, 1994). De modo geral, as antas possuem um corpo consideravelmente grande e robusto, sendo arredondado na parte posterior e cônico na anterior segundo (NOWAK, 1999). Há pouco dimorfismo sexual aparente, tendendo as fêmeas serem maiores que os machos. Os machos geralmente possuem uma deposição de gordura no crânio deixando-o mais proeminente. Por seu comportamento alimentar herbívoro e seu tamanho, bem como sua capacidade de se locomover por longas distâncias, a anta é considerada uma excelente dispersora de sementes (PEREIRA, et al., 2015).

As fêmeas de *T. terrestris* tem o ciclo reprodutivo longo, onde a maturação sexual ocorre apenas aos quatro anos de idade, o período de gestação é de 395-399 dias,

são poliétricas anuais e o estro dura de 1-4 dias, ocorrendo o estro fértil transcorridos de 9 a 27 dias do nascimento de um filhote, sendo relatados poucos casos em que ocorre o nascimento de dois filhotes simultaneamente (PADILLA; DOWLER, 1994; HERNÁNDEZ-DIVERS, et al., 2007, MEDICI, et al., 2012; QUSE, et al., 2014).

Ainda de acordo com os autores supracitados, as antas têm unhas fortes e resistentes; apresentando 03 dedos na mão e quatro dedos no pé, sendo que o quarto dígito do membro torácico é menos desenvolvido. O peso do corpo é dividido sobre uma almofada (coxim) digital e os dígitos centrais.

A anta possui 44 dentes, sendo que os incisivos são retangulares, o terceiro incisivo superior e similar ao um dente canino, o terceiro incisivo inferior é menor em relação aos demais. Os dentes caninos são cônicos e os molares são lofodontes, tendo vista ser um animal herbívoro (NOWAK e PARADISO, 1983; NOWAK, 1999).

A cabeça é grande e tem uma aparência convexa, devido à crista sagital bem saliente. As antas possuem uma crina proeminente de cor preta, curta, estreita e ereta, que se estende desde a base do focinho até a metade do dorso. Tal crista é proveniente de gordura e tecidos moles. (WITMER, et al., 1999; HERNÁNDEZ-DIVERS, et al., 2007; QUSE, et al., 2014).

Possui na região anterior da cabeça a probóscide, que possui mobilidade e sensibilidade (NOWAK, 1999). A probóscide é uma projeção muscular que termina como o nariz e o lábio superior, e sua principal função é permitir com que o animal possa manipular os alimentos para a ingestão. A probóscide de *T. terrestris* é a mais curta dentre todos os tapirídeos (WITMER, et al., 1999; HERNÁNDEZ-DIVERS, et al., 2007; QUSE et al., 2014).

A pele das antas é grossa e a pelagem é curta. Os animais adultos possuem um tom marrom escuro. As orelhas são eretas, arredondadas, pouco móveis e com as pontas brancas. O tórax, o ventre e os membros são de cor marrom escura e em geral, mais claros que o dorso. Os filhotes possuem um padrão de coloração diferente do adulto, uma vez que os mesmos possuem listras e machas claras sobre um fundo marrom para a camuflagem. Tais marcas vão desaparecendo gradualmente a medida que os filhotes atingem a fase adulta (GONDIM, 2012).

Conservação

Devido à condição atual de suas populações em relação às inúmeras e constantes ameaças antrópicas, atualmente a anta-brasileira encontra-se listada na Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza da IUCN - *International Union for Conservation of Nature* como “Vulnerável à Extinção” (RODDEN, 2012; IUCN, 2017). Este status varia ao longo de sua distribuição geográfica.

Na Argentina, seu estado é considerado crítico, assim como na Colômbia e na Mata Atlântica brasileira. É considerada extinta na Caatinga no extremo sul e na região dos Andes, onde prevalece a espécie *T. pinchaque*. Sua principal ameaça concentra-se na caça predatória e por ter um ciclo reprodutivo longo, com longa gestação, baixo ciclo estral e longo período de amamentação, além da restrição de habitat, constantes atropelamentos, fogo, crescimento dos centros urbanos e áreas rurais no entono das unidades de conservação (MAY-JUNIOR, 2011; MEDICI, 2012).

A decadência populacional, ou mesmo a extinção local dessas populações, pode promover uma série de efeitos nocivos aos ecossistemas. Populações presentes em ambientes fragmentados tem maior suscetibilidade à extinção devido a fenômenos como depressão endogâmica (RALLS; BALLOU e TEMPLETON, 1988; VIDOLIN; BIONDI e WANDEMBRUCK, 2009).

Acredita-se, de acordo com Zorzi (2009), que as antas sejam os últimos representantes da megafauna Pleistocênica nas Américas Central e do Sul e são responsáveis, atualmente, por conservarem padrões e procedimentos ecológicos singulares de interações com as plantas, que antes, provavelmente, eram realizados por diversas espécies de grandes herbívoros. As antas desempenham um grande papel dentro dos ecossistemas, apresentando funções importantes que podem ser afetadas com sua extinção, mesmo que localmente comprometendo diretamente os processos de dispersão de sementes e conseqüentemente o padrão de sucessão ecológica (MANGINI; MORAES e SANTOS, 2002).

Além da realização de estudos sobre a biologia geral da anta, o IPE realiza também programas de educação ambiental que buscam a conscientização da população sobre a preservação dessa espécie. Outra iniciativa é o projeto das “antas pintoras”, também desenvolvido pelo IPE, além das iniciativas de conservação do material genético e mapeamento dos locais de atropelamento das antas (MEDICI et al., 2012).

Outros projetos e iniciativas para a busca do conhecimento acerca de tal espécie têm sido desenvolvidos nos últimos anos, há de se citar o projeto “anatomia de animais

silvestres”, conduzido pelo LAPAS (Laboratório de Ensino e Pesquisa de Animais Silvestres) da UFU, que tem se dedicado a estudar a Anta, dentre outros animais silvestres, em seus aspectos anatômicos. O conhecimento detalhado da anatomia do animal para que o atendimento veterinário se torne mais rápido e preciso, pode aumentar significativamente as chances de sobrevivência aumentando, assim a sobrevivência de animais tanto em vida livre quanto em cativeiro.

O Programa “Anta Mata Atlântica”, conduzido pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPE), que se iniciou em 1996, foi o primeiro programa de pesquisa e conservação de *T. terrestris* no Brasil. O mesmo instituto hoje ampliou sua atuação para o pantanal e pretende-se levar o mesmo programa para o cerrado. Este foi o programa pioneiro de pesquisa de longo-prazo realizado em vida livre com essa espécie (MAY-JUNIOR, 2011). Concretizações de projetos como este contribuem de forma expressiva para conservação da espécie.

Conhecimento popular e mitológico

Alguns mitos são atribuídos às antas, devido ao seu tamanho ou mesmo ao seu hábito solitário. A anta foi tão perseguida durante muito tempo pelos nativos e pelos sertanejos e hoje, como dito encontra-se ameaçada de extinção. Ela foi bastante caçada, apesar da crendice, de que quem se alimentasse de sua carne contrairia lepra (hanseníase), a não ser que o caipira, o sertanejo ou o caçador lavasse sua carne em água corrente por 24 horas, porém, dentro de um córrego de água limpa (PEREQUINO, 2014).

Embora a anta tenha pelos curtos e acinzentados, seu filhote nasce com estrias claras no meio de pelo castanho, uma camuflagem eficiente no meio da mata, sendo assim acreditava-se que o filhote de anta era um bom pressagio, todavia quando crescia ele ficava escuro, pois se enchia de pecados, assim contavam as histórias e credices (PEREIRA et al., 2015).

Os índios Tupis chamam-na de “tapir”, assim como os índios da América-central e os norte-americanos, porém para os índios Guaranis a anta é “emborebi”. A mesma por possuir uma força descomunal quando ameaçada, ou provocada quebra galhos e arbustos por onde passa abrindo espaço e tal fato deu origem ao nome que em guarani que significa “embopirape”, que significa estrada da anta (PEREQUINO, 2014).

Segundo a cultura indígena sul-americana a Via-Láctea tem o nome de “tapira”, uma vez que os índios acreditam que só uma grande anta correndo pelos ares teria tido a capacidade de deixar um rastro tão brilhante como o das estrelas. A anta era, e ainda é, um animal estimado e sagrado pelos nativos por várias razões, tais como por ser um animal extremamente inteligente e por ser uma das melhores dispersoras de sementes, contribuindo na formação e manutenção da biodiversidade (PEREGUINO, 2014).

Infelizmente atribui-se, cotidianamente, ao nome “anta”, um sentido pejorativo. Tal gênese se deu, segundo Salgado (2015), durante a colonização da América do Sul, onde os emigrantes e exploradores perceberam o valor desse animal para os nativos, e usaram tal fato como mais um método da "desconstrução cultural" que já vinha ocorrendo de múltiplas formas, inclusive com a catequização dos índios. Como eram considerados seres “inferiores”, a anta se tornou um símbolo da crença nativa, e o nome do animal começou a ser usado pejorativamente, para desmerecer a crença e a cultura dos nativos considerados inferiores (SALGADO, 2015).

Ainda de acordo com o autor supracitado, por séculos intitulado as pessoas consideradas “inferiores” de "anta", o costume disseminou-se e, infelizmente, isso continua até hoje. Todavia, existem movimentos, como a IUCN (*International Union for Conservation of Nature*) que buscam reverter tal situação o que, inclusive, interfere de forma negativa na preservação desse importante animal. Para dar uma notoriedade ao problema foi criado o Dia Internacional da Anta (27 de abril), que é um dia voltado para ações de educação ambiental e conservação da anta (SALGADO, 2015).

Resultados das Entrevistas

Os questionários foram aplicados a voluntários das regiões do Alto Paranaíba e Noroeste de Minas Gerais, via questionário físico em incursões a regiões rurais destas regiões e via *Google Forms on line*, foram compiladas 36 respostas.

Os entrevistados foram questionados se conheciam a anta, e se caso a conhecessem se sabiam de outro nome popular para a anta. 90% dos questionados disseram conhecer pelo nome popular “anta”, porém foram citados o nome “tapir” reforçando o regionalismo dos nomes populares pertencentes a uma cultura. A anta também é conhecida por *anta-comum*, *anta-sapateira*, *anta-gameleira*, *batuvira*,

antaxuré tapiira, tapira, pororoca e tapiretê (BODMER e MATOLA, 1997; MEDICI, et al., 2012).

A palavra “*anta*” deriva do termo árabe “*lamTa*”, que é usado para designar o alce em espanhol *Tapiira*, *tapir* e *tapira* derivam do termo tupi *tapi'ira*, e significa, literalmente, “boi da floresta”. *Tapiret* deriva do tupi *tapire'tê*, “tapir verdadeiro” (PADILLA, DOWLER, 1994, p. 02).

Quando os entrevistados foram questionados “Você tem conhecimento da presença da anta”? SIM OU NÃO. Se SIM em qual região. As respostas foram unânimes em dizer que em vários municípios das regiões do Alto Paranaíba e Noroeste de Minas há a presença da Anta, como ênfase para Lagoa Grande, Paracatu, Lagamar, Patos de Minas, Presidente Olegário, Coromandel e Araxá.

Os voluntários foram questionados se já ouviram “alguma história” sobre a anta, e foram convidados a explicarem com poucas palavras suas impressões. Dos voluntários, 40% disseram nunca ter ouvido nenhuma história, 60% disseram ter ouvido histórias, listadas a seguir algumas respostas na íntegra em SIC:

“Ouvi dizer que a anta apesar do nome tem uma grande quantidade de massa cinzenta cerebral e lembra exatamente onde encontrar seus alimentos”

“Sim, sobre acidente durante a noite”.

“Que é boa nadadora”

“Se uma anta aparecer na porta de casa é por que o ano vai ser ruim de chuva, pois ela quer alimento.”

“Animal calmo, mas quando se irrita corre e dá investida derrubando tudo em seu caminho.”

“Que as antas espalham sementes.”

“As antas são amuleto de sorte, onde existe anta há boa produção.”

Observa-se que em nenhuma das respostas, mesmo as não listadas, a anta foi associada a situações ruins ou mesmo depreciativas a outros animais ou a pessoas.

Todavia, a anta, segundo Medici et al. (2012); IUCN (2019) encontra-se listada na categoria vulnerável, estando quase ameaçada.

Os voluntários foram questionados se tinham conhecimento se alguma anta havia sido morta nestas regiões por algum motivo. Dos questionados, 33% disseram não ter conhecimento, 9% preferiram não dizer, e 58% disseram saber sobre animais mortos.

Dos que disseram saber, a principal causa das mortes foi devido aos atropelamentos, entretanto foram citadas que nestas regiões as antas foram abatidas por caça esporádica com arma de fogo. Nos relatos foi apresentado que existe, ainda na região, a cultura da caça para alimentação, sendo a anta muito apreciada para este fim. Em estudo semelhante realizado por Pianca e Monteiro (2005) relata que na região da mata atlântica de São Paulo há caça predatória da anta por razões fúteis, pois a carne da anta é apazível com pouca gordura, o mesmo estudo relatou que produtores daquela região tem problema de invasão das antas a lavouras, tal situação foi relatada também pelos entrevistados, todavia não relataram prejuízos à lavouras.

Ferreira; Campos e Araújo (2012) estudaram sobre os aspectos da atividade de caça no Assentamento Rural Nova Canaã no estado do Amapá, onde relatou-se que a carne de anta é consumida 44,12% das pessoas desta comunidade, ressalta-se que nesta região também ocorre a anta-pretinha (*Tapirus kaboumani*).

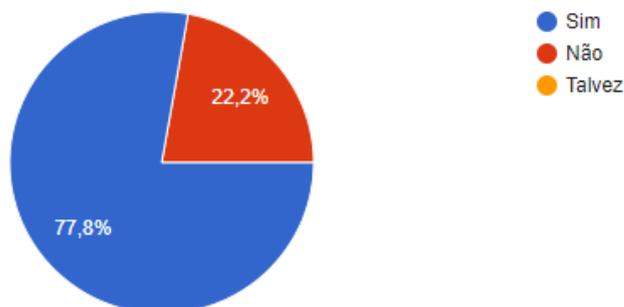
Diversos autores dedicaram-se a pesquisar a percepção das pessoas sobre animais silvestres onde percebeu-se que existe uma falta de conhecimento científico generalizado sobre tais animais, bem como sobre a biodiversidade. O imaginário popular ainda é a principal fonte de conhecimento sobre animais silvestres, onde são valorizadas as crendices e mitos, assim como verificado nesta pesquisa sobre as antas (PEREIRA, 2019).

No questionamento sobre se a anta está em perigo de extinção, 77,8% dos entrevistados responderam que sim, e 22,2% disseram que não.

Figura 1:

Você acredita que a anta esteja em perigo de extinção?

36 respostas



Fonte: dados da pesquisa 2019

IUCN (2019) e Medici et al. (2012) apresentam que a anta se enquadra como “vulnerável a extinção” por sofrer várias pressões, tais como a caça predatória e esporádica, restrição e fragmentação de habitat, atropelamentos e desmatamento.

Quando os voluntários foram questionados se tinham conhecimento do ataque a animais de criação ou domésticos por anta, 80% dos entrevistados disseram não ter ouvido. Segundo Medici et al. (2012), a anta é um animal dócil, com poucos casos registrados de ataque, todavia no ano de 2014 na cidade de Campo das Gerais no Sul de Minas Gerais, uma anta que era criada como animal doméstico de estimação por alguns anos, porém quando a anta ficou adulta passou a ter um comportamento agressivo, de acordo com Souza (2014, p. 01):

Produtores rurais de uma comunidade em Campos Gerais (MG) estão preocupados com o aparecimento de uma anta. Quando o animal chegou, segundo os moradores, ela era dócil, mas de uns meses para cá, o bicho começou a atacar animais, destruir plantações e já atacou até crianças. "Ela tá muito nervosa, eu nem sei, porque ela não era assim. Ela era mansinha, vinha perto da gente, a gente passava a mão, agora ela mudou' (SIC). [...] A anta geralmente é um animal de hábito muito dócil. Ela só ataca para defender sua cria ou se ela se sentir ameaçada. É muito raro um ataque desse tipo de animal. O ideal seria que ela fosse capturada e levada para um ambiente mais propício para a manutenção dela. Uma unidade de conservação, onde tivesse uma floresta, um curso d'água, onde ela pudesse se sentir no seu habitat natural'.

Os voluntários foram perguntados se já ouviram histórias místicas sobre a anta, a maioria (97,33%) disseram não saber, 8,33% relataram algumas narrações místicas. Em resumo: “*que a cabeça da anta (crânio) pregada na porteira da fazenda dá mais sorte que a cabeça do boi*”. A outra narração foi a seguinte: “*As antas se reúnem perto da água para tomar banho e a água que a anta banha nunca seca, nem lagoa, nem represa, nem barriguinha, ter água banhada de anta é benção*”. E por fim: “*a banha de anta é remédio para dor nas pernas e nas costas, tem de usar junto com arnica e barbatimão*”.

Para 95,5% dos entrevistados a anta não é um animal perigoso, o que corrobora com a discussão de que a anta é um animal inofensivo, todavia muitos entrevistados citaram que a anta é agressiva desde que molestada ou agredida.

Por fim, os entrevistados foram questionados se a anta traz algum benefício para o meio ambiente, 18% mostraram-se impassíveis, 17% alegaram não trazer benefício algum e 67% disseram que traz benefícios. Segundo as respostas houve a associação da anta com a dispersão de sementes.

Conclusão

Conclui-se, portanto, que a anta, é um animal que está vulnerável à extinção, existindo variadas causas para o decréscimo de suas populações, e que apensar de muitos esforços para sua conservação ainda existem muitos processos para sua mortalidade. A anta possui uma representação mítica expressiva dessa forma, acredita-se que acordo com as expressões populares e com as histórias apresentadas e analisadas, a anta tenha uma boa “reputação” pelo senso comum.

De acordo com as respostas ao questionário percebe-se que na região estudada a anta não tem uma imagem negativa, as pessoas tem conhecimento de sua presença na região e há casos de abate desse animal em função de atropelamentos e ainda que incipientemente pela caça. Os resultados demonstraram que existe o conhecimento pelos voluntários que a anta está vulnerável à extinção, todavia nas respostas nenhum deles alegou qualquer ação que possa ser feita para conservá-la, denotando, de tal modo, a despreocupação com espécies silvestres.

Ponto finalizando, entende-se que a anta possui uma relação com o imaginário das pessoas difundida em contos, histórias e mitos, acredita-se, ainda, que tal conhecimento aqui elencado poderá acrescentar o acervo sobre o conhecimento de tal espécie, bem

assim para sua conservação através de referências e para futuros projetos de educação ambiental.

REFERÊNCIAS

BODMER, F.; MATOLA, S. (Eds.) **Tapirs: Status Survey and Conservation Action Plan**. Pp. 5-7. IUCN/SSC Tapir Specialist Group (TSG). IUCN, Gland, Switzerland, 1997. Disponível em: <https://www.iucn.org/content/tapirs-status-survey-and-conservation-action-plan-spanish-and-portuguese-chapters>. Acesso em 25 de maio de 2019.

BORGES, D. C. S. et al. Características Adaptativas Do Membro Pelvino De *Tapirus terrestris* (Perissodactyla, Taperidae). **ALTUS CIÊNCIA: Revista Acadêmica Multidisciplinar da Faculdade Cidade de João Pinheiro**. n. 04, v. 04. p.17-27. 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/39226466/ALTUS_CI%C3%84NCIA_Revista_Acad%C3%A4mica_Multidisciplinar_da_Faculdade_Cidade_de_Jo%C3%A3o_Pinheiro-ALTUS_CI%C3%84NCIA. Acesso em 25 de janeiro de 2019.

BORGES, D. C. S. et al. Anatomia óssea e muscular da coxa de *Tapirus terrestris* (Perissodactyla, Taperidae). **R. bras. Ci. Vet.**, v. 25, n. 2, p. 42-48, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/rbcv/article/view/22866>. Acesso em 20 de maio de 2019.

CAMPBELL, B. Comparative Myology of the Forelimb of the Hippopotamus, Pig and Tapir. **Teid American Jownal or Anatomy**, v. 59, n. 2. 1936.

CORDEIRO, J. L. P. **Estrutura e heterogeneidade da paisagem de uma unidade de conservação no nordeste do Pantanal (RPPN SESC Pantanal), Mato Grosso, Brasil: Efeitos sobre a distribuição e densidade de antas (*Tapirus terrestris*) e de cervos-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*)**. 2004. 221f. Tese. (mestrado em ecologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5155>. Acesso em 20 de maio de 2019.

COZZUOL, M. A.; CLOZATO, C. L., HOLANDA, E. C, RODRIGUES, F. H. G.; A new species of tapir from the Amazon. **Journal of Mammalogy**. v. 94, n. 6, p. 1331-

1345. 2013. <https://doi.org/10.1644/12-MAMM-A-169.1>. Disponível em: <https://doi.org/10.1644/12-MAMM-A-169.1>. Acesso em 20 de março de 2019.

EISENBERG, J. F. Introduction. In: D.M. Brooks, R.E. Bodmer & S. Matola (Eds.) **Tapirs: Status Survey and Conservation Action Plan**. Pp. 5-7. IUCN/SSC Tapir Specialist Group (TSG). IUCN, Gland, Switzerland, 1997.

FERREIRA, Dayse Swélen Silva; CAMPOS, Carlos Eduardo Costa; ARAÚJO, Andrea Soares. Aspectos da atividade de caça no Assentamento Rural Nova Canaã, Município de Porto Grande, Estado do Amapá. **Biota Amazônia**, Macapá, v. 1, n. 2, p.1-10, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/biota/article/view/417/v2n1p22-31.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2020

GONDIM, M. F. N.; JORIO, M. R. V. **Família Tapiridae: aspectos biológicos e veterinários**. 2011. 26f. Pós-Graduação Lato Sensu. Clínica Médica e Cirúrgica de Animais Selvagens e Exóticos – UNIGRAN, Dourados, 2011.

GONDIM, M. F. N. **Aspectos de saúde de *Tapirus terrestris* cativos das regiões sul e sudeste brasileiras, da região do alto Paraná, no Paraguai e de duas unidades de conservação do norte do Espírito Santo, no Brasil**. Dissertação. Programa de pós-graduação em Ciência Animal. Universidade Vila Velha. Vila Velha, ES. 2012. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/bvs-vet/resource/pt/vtt-486>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

HERNÁNDEZ-DIVERS, S.; MAY-JR, J. A.; THOISY, B. de; VANSTREELS, R. E. T.; MARQUEZ, P. A. B.; TORRES, I. L.; **Manual de medicina veterinária de antas em campo**. IUCN/SSC TAPIR SPECIALIST GROUP (TSG). Comitê de Veterinária. 2007.

HILDEBRAND, G; GOSLOW, G. 2006. **Análise da Estrutura dos Vertebrados**. 2ª Ed.). Editora Atheneu SP.

HOLANDA, E. C. **Os Tapiridae (Mammalia, Perissodactyla) do pleistoceno superior do estado de Rondônia, Brasil. Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal do Rio

Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geociências. Porto Alegre, RS. 2007. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/bvs-vet/resource/pt/vtt-486>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

HUBBE, A. **Contextualização Taxonômica e Morfométrica dos Remanescentes Ósseos da Megafauna da Gruta Cuveri (MG), Um Sítio Paleontológico do Pleistoceno Tardio**. Dissertação de Mestrado – Instituto de biociências da USP. Departamento de genética e biologia evolutiva 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/41/.../DissertacaoRevisada.pd>. Acesso em 13 de agosto de 2017.

IUCN. **IUCN Red List of Threatened Species**. Version 2019.1. Disponível em: www.iucnredlist.org. Acesso em: 03 jun. 2019.

KERBER, L.; OLIVEIRA, É. V. Sobre a presença de *Tapirus* (Tapiridae, Perissodactyla) na formação touro passo (pleistoceno superior), oeste do Rio Grande do Sul. **Biodiversidade Pampeana**. PUCRS, Uruguaiana. v. 6, n. 1, p. 9-14, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/biodiversidadepampeana/article/view/3838>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

MANGINI, P. R.; MORAIS, W.; SANTOS, L. C. Enfermidades observadas em *Tapirus terrestris* (anta brasileira) mantidas em cativeiro em Foz do Iguaçu. Paraná. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia**. Umuarama. v. 5, n. 1, p. 093-102, 2002. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/veterinaria/article/view/753>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educ. Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300. 2004. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 de janeiro. de 2020.

MAY-JÚNIOR, J. A. **Avaliação de parâmetros fisiológicos e epidemiológicos da população de anta-brasileira (*Tapirus terrestris*, Linnaeus, 1758) na Mata Atlântica do Parque Estadual Morro do Diabo, Pontal do Paranapanema, São Paulo.** 2011.106f. Dissertação. (mestrado em Epidemiologia Experimental Aplicada às Zoonoses) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10134/tde-06072012-134212/pt-br.php>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

MEDICI, E. P. **Assessing the viability of lowland tapir populations in a fragmented landscape.** 2010. 276 f. Tese (Doutorado em Biodiversity Management) - Durrell Institute of Conservation and Ecology, University of Kent, Canterbury, United Kingdom, 2010. Disponível em: https://www.ipe.org.br/docs/projetos/pantanal/premios/medici_phd_%202010.pdf. Acesso em 25 de março de 2019.

MEDICI, E. P. FLESHER, K., BEISIEGEL, B. M, et al. Avaliação do risco de extinção da anta brasileira *Tapirus terrestris* Linnaeus, 1758, no Brasil. **Biodiversidade Brasileira.** Brasília. v. 2, n. 3, p.103-116. 2012. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/revistaeletronica/index.php/BioBR/article/view/243>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

MELO, A. C. C. DE; SILVA, C. S. DA; PEREIRA, M. W.; VASCONCELOS, T.; SILVA, D. D. D.; PEREIRA, S. G. COMPARAÇÃO ANATÔMICA DA ESCÁPULA DE *Tapirus terrestris* (ANTA BRASILEIRA) COM A ESCÁPULA DE EQUINOS. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 4, n. Suppl1, p. 58-58, 12 dez. 2018. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/404>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

MORAIS, A. A. **Dieta Frugivora de *Tapirus terrestris* e deposição de fezes: Contribuição para a dispersão de sementes e regeneração de florestas, Amazônia Central, AM.** 2006. 98 f. Dissertação. (Mestrado em Biologia Tropical e Recursos

Naturais). Universidade Federal do Amazonas. Manaus. Amazonas. 2006. Disponível em:

https://repositorio.inpa.gov.br/bitstream/1/11951/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_INPA.pdf. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

MOURÃO, R. C.; RODRIGUES, V. C.; MOUSTACAS, V. S.; COSTA, D. P. B.; PINHEIRO, R. S. B.; FIGUEIREDO, M.; VIEIRA, A. O. Medidas morfológicas de novilhos castrados Nelore e F1 Nelore x Limousin. **Agropecuária Científica no Semi-árido**, Patos, v.6, p.27-32, 2010. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/acsa/index.php/ACSA/article/view/59/pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

NOWAK, R. M.; PARADISO, J. L. Walker's Mammals of the - World. 4.ed. **The Johns Hopkins University Press**, London. V. 2, p. 957-958. 1983.

NOWAK, R. M. Tapirs. [Walker's Mammals of the World, Volume 1](#). 1999: **JHU Press**. Baltimore, pp. 1025–1028.

OLIVEIRA, I. S.; PEREIRA, F. B.; PEREIRA, S. G.; MARTINS, M. F. D. O.; SILVA, J. O. R. DA. DESCRIÇÃO ANATOMO-RADIOGRÁFICA DO METACARPO DE *Tapirus terrestris* - Linnaeus, 1758 (ANTA BRASILEIRA). **Psicologia e Saúde em debate**, v. 4, n. Suppl1, p. 30-30, 11 dez. 2018. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/376>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

PADILLA M., DOWLER, R. C. *Tapirus terrestris*. **Mammalian Species**, New York, v.2, n. 481, p. 1-8. 1994.

PIANCA, Camila Camara; MONTEIRO, Regina Teresa Rosim. **A caça e seus efeitos sobre a ocorrência de mamíferos de médio e grande porte em áreas preservadas de Mata Atlântica na serra de Paranapiacaba (SP)**. 2005. Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2005. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/91/91131/tde-20062005-173657/>. Acesso em 01 de dezembro de 2019.

PEREQUINO, J. **As antas são animais fortes**. 2014. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/animais/anta>. Acessado em: 31 de agosto de 2017.

PEREIRA, S. G. et al. Anatomia Óssea E Muscular Do Cíngulo Escapular E Braço De *Tapirus terrestris* (Perissodactyla: Tapiridae). **Ciência Animal brasileira**. Goiânia, v. 16, n. 2, p.268-278, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1089-6891v16i228130>. Acesso em 20 de julho de 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1089-6891v16i228130>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

PEREIRA, S. G. SANTOS, A. L. Q. BORGES, D. C. S. Aspectos histológicos dos músculos da região da escápula e do braço de anta - *Tapirus terrestris* – Perisodactyla, Tapiridae. **Revista Acadêmica de Ciência Animal**. Curitiba. v. 1, n. 5, p.:1-6. 2015A. Disponível em doi:10.7213/academica.15.2017.01. Acesso em 14 de julho de 2019.

PEREIRA, Saulo Gonçalves et al. Anatomia óssea e muscular do antebraço e mão de *Tapirus terrestris* (Perissodactyla, Tapiridae). **Biotemas**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 35-41, 14 de maio 2017B. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/2175-7925.2017v30n2p35>. Acesso em: 05 fev. 2020.

PEREIRA, Saulo Gonçalves et al. Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*): características gerais, mitológicas e seu conhecimento popular na região noroeste de Minas Gerais. **Revista Acadêmica Ciência Animal**. v. 17, p. 1 - 11, fev. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/cienciaanimal/article/view/24253>. Acesso em: 31 jan. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/1981-4178.2019.17002>.

QUSE V., FERNANDES-SANTOS R.C, et al. Tapir Veterinary Manual. 2º ed. Campo Grande, MS: **Tapir Specialist Group**; 2014. 155p. Disponível: <https://tapirs.org/wp-content/uploads/2017/03/Tapir-Veterinary-Manual-2014.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

RALLS, K.; BALLOU, J. D.; TEMPLETON, A.R. Estimates of lethal equivalents and the cost of inbreeding in mammals. **Conservation Biology**. Washington. v. 2, n. 2, 185–193, 1988.

RAMSAY, C. R.; ZAINUDDIN, Z. Z. Infectious diseases of the rhinoceros and tapir. In: Fowler ME. Zoo and Wild Animal Medicine. 3° ed. Philadelphia: W.B. Saunders Company; 1993. p.459-66.

RODDEN, M., RODRIGUES, F.; BESTELMEYER, S. (2008). IUCN. [Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN](#) de 2012 Versão 2.

SALGADO, P. 'Anta' era um elogio! Por que ser chamado de 'anta' virou xingamento? 2015. Disponível em: <http://www.curtoecurioso.com/>. Acesso em 25 de abril de 2017.

SOUZA, A. Anta 'estressada' ataca comunidade e apavora moradores em MG, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/01/anta-estressada-ataca-comunidade-e-apavora-moradores-em-mg.html>. Acesso em 02 de fevereiro de 2020

TÓFOLI, C.F. Frugivoria e dispersão de sementes por (Linnaeus, 1758) na paisagem fragmentada do Pontal de Paranapanema, São Paulo. 2006. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/41/41134/tde-09082007-115437/pt-br.php>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

VIDOLIN, G. P.; BIONDI, D.; WANDEMBRUCK, Adilson. Seletividade de habitats pela anta (*Tapirus terrestris*) e pelo queixada (*Tayassu pecari*) na Floresta com Araucária. **Scientia Agricola**. Piracicaba, v. 37, n. 84, p. 447-458, 2009. Disponível em: <https://www.ipef.br/publicacoes/scientia/nr84/cap12.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

WITMER, L. M.; SAMPSON, S. D.; SOLOUNIAS, N. (1999). [The proboscis of tapirs \(Mammalia: Perissodactyla\): a case study in novel narial anatomy](#). **Journal of Zoology**. Curitiba. v. 249, n. 3, p. 249-267. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1469-7998.1999.tb00763.x>. Acesso 14 de julho de 2018.

ZORZI, B. T. **Frugivoria por *Tapirus terrestris* em três regiões do Pantanal, Brasil**. 2009. 54f. Dissertação. (mestrado em Ecologia e Conservação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br:8443/jspui/handle/123456789/524>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

10.2 Questionário

CONHECIMENTO POPULAR SOBRE as CARACTERÍSTICAS GERAIS E MITOLOGIA DE ANIMAIS DO CERRADO EM EXTINÇÃO

Animais a serem estudados: Anta, marceguinho do cerrado, tamanduá-bandeira,
Ema, raposa, substituir o nome do animal em cada formulário

1 – Você Conhece a anta ?

() Sim

() Não

2 – Sobre a anta, você conhece outro nome popular dela? Qual?

() Sim. Qual? _____

() Não

3 – Na região, você tem conhecimento da presença da anta?

() Sim () Onde? _____

() Não

4 – Você Já ouviu alguma história sobre a anta, se sim gentileza explica-la com
poucas palavras

() Sim

() Não

5 – Você já ficou sabendo de caso em que a anta foi morta?

() Sim, por que? _____

() Não

() Prefiro não dizer

6 – Você acredita que a anta esteja em perigo de extinção?

() Sim

() Não

7 – Já ficou sabendo de algum caso de ataque de anta a animais de criação ou pessoas na região?

() Sim, a qual animal _____

() Não

8 – Você Conhece alguma história mística, sobrenatural que envolva anta?

() Sim, qual? _____

() Não

9 – Você acredita que a anta seja um animal ruim? Maldosa? Perigosa?

() Sim, Por que? _____

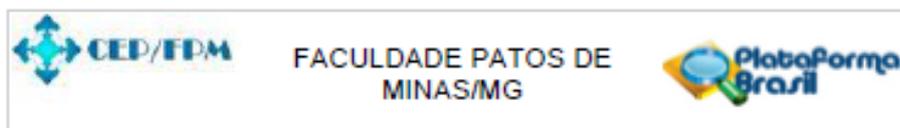
() Não

10 – Você conhece algum benefício que a anta possa trazer par a natureza?

() Sim, qual? _____

() Não

Anexo II



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONHECIMENTO POPULAR SOBRE AS CARACTERÍSTICAS GERAIS E MITOLOGIA DE ANIMAIS DO CERRADO

Pesquisador: Saulo Gonçalves Pereira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 17372619.8.0000.8078

Instituição Proponente: ASSOCIACAO EDUCACIONAL DE PATOS DE MINAS - AEPM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.543.587

Apresentação do Projeto:

O Projeto CONHECIMENTO POPULAR SOBRE AS CARACTERÍSTICAS GERAIS E MITOLOGIA DE ANIMAIS DO CERRADO, proposto pelo pesquisador Saulo Gonçalves Pereira tem como principal objetivo de fazer um levantamento bibliográfico sobre animais

silvestres em extinção do cerrado (Anta, marceguinho do cerrado, tamanduá-bandeira,

Ema, raposa) Trata-se de uma pesquisa Bibliográfica exploratória e descritiva numa abordagem qualitativa que busca oferecer maior familiaridade como o tema proposto. A coleta de dados será por meio de um questionário semiestruturado de perguntas e respostas objetivas/discursivas com a marcação do próprio entrevistado, o, ou ainda pelo entrevistador que o fará na íntegra de acordo com as repostas a no mínimo 50 pessoas voluntárias de comunidades rurais das regiões do Alto Paranaíba e Noroeste de Minas no estado de Minas Gerais que tenha a presença confirmada de animais silvestres.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário deste estudo é Fazer um levantamento bibliográfico sobre animais silvestres em extinção do cerrado descrevendo suas características gerais, e seus conhecimentos populares e mitológicos. Os objetivos secundários são: Fazer um levantamento bibliográfico sobre os animais silvestres especificamente do cerrado. Aplicar um questionário/entrevista com a população rural em 6 comunidades rurais no estado de Minas Gerais que tenham presença confirmada de animais

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova CEP: 38.706-401
UF: MG Município: PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 Fax: (34)3818-2300 E-mail: cep@faculdadepatosdeminas.edu.br

Página 01 de 05

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PATOS DE MINAS, 30 de Agosto de 2019

Assinado por:
HUGO CHRISTIANO SOARES MELO
(Coordenador(a))